

IMAGINÁRIO AMAZÔNICO E REPRESENTAÇÕES MÍTICO-LENDÁRIAS NO CONTO “PUÇANGA”, DE PEREGRINO JÚNIOR: DIÁLOGOS COM O MARAJÓ DAS FLORESTAS

João Paulo Marcelino GONÇALVES¹

Eliane Miranda COSTA²

Recebido: 03/01/2026

Aprovado: 10/03/2026

Resumo

Este artigo analisa as representações mítico-lendárias no conto “*Puçanga*”, de Peregrino Júnior, com o objetivo de compreender como o autor transfigura esteticamente o imaginário amazônico em sua narrativa. A partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada em estudos sobre mito, oralidade e literatura de expressão amazônica, examinam-se as matrizes culturais que estruturam o conto, especialmente as práticas mágico-religiosas, as crenças populares e a relação simbólica entre homem e natureza. A análise evidencia que o mito, longe de assumir caráter meramente folclórico, configura-se como linguagem cultural legítima, capaz de organizar a experiência coletiva e expressar valores identitários do universo ribeirinho. Observa-se, ainda, que Peregrino Júnior dialoga com os pressupostos do modernismo brasileiro ao valorizar temas regionais e incorporar marcas da oralidade, contribuindo para a inserção do imaginário amazônico no campo da literatura nacional. Conclui-se que o conto “*Puçanga*” reafirma a relevância da obra do autor para a literatura de expressão amazônica e para os estudos sobre mito e cultura no Brasil.

Palavras-chave: Literatura amazônica; Imaginário mítico-lendário; Oralidade; Peregrino Júnior; Modernismo.

AMAZONIAN IMAGINARY AND MYTHICAL-LEGENDARY REPRESENTATIONS IN THE SHORT STORY “PUÇANGA”, BY PEREGRINO JÚNIOR: DIALOGUES WITH THE MARAJÓ OF THE FORESTS

Abstract

This article analyzes mythic-legendary representations in the short story “*Puçanga*”, by Peregrino Júnior, aiming to understand how the author aesthetically transfigures the Amazonian imaginary in his narrative. Based on a qualitative and interpretative approach, grounded in studies on myth, orality, and Amazonian literary expression, the analysis examines the cultural matrices that structure the story, especially magical-religious practices, popular beliefs, and the symbolic relationship between humans and nature. The study shows that myth, far from being merely folkloric, functions as a legitimate cultural language capable of organizing collective experience and expressing identity values of the riverside universe. It is also observed that Peregrino Júnior dialogues with Brazilian modernism by valuing regional themes and incorporating oral language marks, contributing to the inclusion of the Amazonian imaginary within national literature.

Keywords: Amazonian literature; Mythic-legendary imaginary; Orality; Peregrino Júnior; Modernism.

¹ Acadêmico(a) do Curso de mestrado Sociobiodiversidade em Educação, Universidade Federal do Pará – UFPA, joaopaulolettras@gmail.com

² Orientadora e docente do Programa de Pós-graduação Sociobiodiversidade em Educação (PPGSE), da UFPA, elianec@ufpa.br

GONÇALVES, João Paulo Marcelino, COSTA, Eliane Miranda. Imaginário amazônico e representações mítico-lendárias no conto “*Puçanga*”, de Peregrino Júnior: diálogos com o Marajó das florestas In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

1 INTRODUÇÃO

A literatura de modo geral, e mais precisamente a literatura de expressão amazônica, configura-se como um campo fértil para a compreensão das múltiplas formas da cultura regional, simbolicamente representada por meio de mitos, lendas e crenças populares. Pode-se entender que as produções literárias amazônicas se encontram profundamente vinculadas às tradições, aos costumes e às vivências históricas dos povos que ocupam a região. Mesmo atravessadas por características específicas da cultura regional e local, tais narrativas alcançam a universalidade da literatura como arte ao traduzirem, em linguagem simbólica, a experiência humana em suas dimensões sociais, históricas e culturais.

Diante disso, o estudo da literatura amazônica configura-se como um caminho para o (re)conhecimento da identidade marajoara. Esta região, como revelam diferentes estudos no âmbito da História, da Antropologia e da Arqueologia, vem sendo ocupada há milênios/séculos/décadas por diferentes coletivos que ajudaram a construir um rico patrimônio material e cultural. Essa riqueza, especialmente, a cultural, vem sendo expressa em contos e obras literárias de grande relevância estética e cultural, ainda pouco conhecida no campo educacional, bem como no campo da crítica literária nacional.

Autores como Inglês de Sousa, Dalcídio Jurandir e Abguar Bastos, em diferentes momentos, do Naturalismo ao Modernismo, incorporaram o imaginário mítico-lendário da região às suas obras. No contexto modernista, essa temática também foi retomada por escritores não amazônicos, como Raul Bopp e Mário de Andrade, além de estudiosos como Nunes Pereira e Osvaldo Orico, o que evidencia a capacidade do imaginário amazônico de ultrapassar fronteiras regionais e dialogar com a literatura nacional.

Nesse cenário, destaca-se a produção de Peregrino Júnior, escritor ainda pouco estudado, inclusive no âmbito da literatura nortista. Nascido em Natal, em 1898, Peregrino Júnior teve forte atuação intelectual na Amazônia, especialmente em Belém do Pará, onde participou ativamente do movimento modernista local, colaborando com a *Revista Belém Nova* e fundando a *Revista Guajarina* (Coelho, 2005). Sua obra evidencia profundo conhecimento da cultura amazônica e de seus sistemas simbólicos.

Apesar da relevância de sua produção literária, Peregrino Júnior permanece, em grande medida, à margem de estudos críticos mais aprofundados, à exceção de análises pontuais, como aquelas realizadas por Cavalcanti Proença, que já apontava o relativo esquecimento do autor no âmbito da crítica literária brasileira. Diante desse quadro e da importância da obra de Peregrino Júnior, o presente artigo propõe analisar as representações mítico-lendárias presentes no conto “*Puçanga*”, buscando compreender o modo que o autor reelabora esteticamente as matrizes orais da cultura amazônica, em diálogo com o universo simbólico do Marajó das florestas.

O presente estudo integra a pesquisa de mestrado em andamento, intitulada “*Ensino da língua materna no Marajó das florestas*”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociobiodiversidade da UFPA. A investigação concentra-se na abordagem dos gêneros textuais como prática pedagógica voltada à expressão da memória coletiva e da identidade cultural marajoara, buscando articular ensino de língua e valorização dos saberes locais.

Para tanto, o estudo fundamenta-se em aportes teóricos que discutem o imaginário mítico-lendário da Amazônia, com destaque para os trabalhos de Loureiro (2001), Jerusa Pires Ferreira (1995) e estudos sobre oralidade, bem como aqueles que abordam a incorporação estética do imaginário popular na literatura amazônica. A metodologia, por sua vez, envolve a análise e interpretação do conto “*Puçanga*”, fonte deste estudo. Em uma abordagem qualitativa e interpretativa evidencia-se como Peregrino Júnior articula narrativas oriundas das matrizes indígena, africana e europeia, e ao mesmo tempo constrói um sistema simbólico aberto, em que mito e literatura se entrecruzam na representação do universo amazônico. A análise preocupa-se ainda em evidenciar o diálogo entre literatura oral, tradição popular e imaginário amazônico, bem como a inserção da obra no contexto do modernismo brasileiro, em interlocução com o modernismo na Amazônia.

2 A LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA ENTENDERMOS OS CÓDIGOS CULTURAIS AMAZÔNICOS

A literatura, indissociável da história, constitui-se como um meio privilegiado para compreender os processos culturais e as formas de pensamento que estruturam determinada sociedade. No caso amazônico, esse entendimento passa, necessariamente, pelo contato com as crendices, os mitos e as lendas que compõem o imaginário coletivo e que se perpetuam, sobretudo, pela tradição oral.

GONÇALVES, João Paulo Marcelino, COSTA, Eliane Miranda. Imaginário amazônico e representações mítico-lendárias no conto “*Puçanga*”, de Peregrino Júnior: diálogos com o Marajó das florestas In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

A literatura, compreendida como uma forma de apreensão da realidade, recorre à ficção como instrumento privilegiado para evidenciar aspectos particulares da experiência humana. Distante de um caráter alienante, o texto literário lança luz sobre situações concretas ao mobilizar símbolos e construções narrativas que abrem espaço para múltiplas leituras, revelando a diversidade de sentidos produzidos nas práticas sociais. Nesse processo, a linguagem literária ocupa posição central, pois transcende convenções meramente linguísticas e se constitui como lugar de reflexão, de inquietação existencial e de problematização da realidade.

Desse modo, ainda que a literatura se afirme como universal em sua dimensão estética, ela manifesta identidades locais que lhe atribuem singularidades próprias, estratégia fundamental para fortalecer os códigos culturais de um território. A literatura de expressão amazônica, nesse sentido, exerce papel significativo na preservação e na circulação da cultura regional, ao inscrever em suas narrativas mitos, lendas, costumes e modos de vida característicos dos povos da floresta e das comunidades ribeirinhas, em diálogo direto com o universo cultural marajoara. O mito, nesse horizonte, assume posição central para a compreensão da formação cultural amazônica, marcada por uma relação profunda entre o homem e a natureza, na qual o imaginário se concretiza em narrativas simbólicas que conferem sentido à experiência do mundo vivido.

Assim, a cultura amazônica encontra-se marcada por mistérios que se articulam às práticas cotidianas e às crenças populares, fazendo com que o místico e o real se confundam. Conforme assinala Loureiro (1994), nesse campo simbólico estabelece-se uma estreita relação entre o real e o imaginário, o que torna difusa a delimitação entre esses domínios. Nesse contexto, elementos como os rios, a floresta, o ribeirão, o indígena e as práticas de pajelança surgem de forma recorrente na literatura regional, compondo um repertório simbólico que, embora ancorado em um espaço cultural específico, estabelece diálogo com outras culturas e diferentes temporalidades.

Nesse ambiente, as narrativas de caráter mítico-lendário, a exemplo dos mitos do boto e da vitória-régia, preservam e perpetuam histórias oriundas da tradição oral, ao mesmo tempo em que reafirmam valores culturais constitutivos do imaginário amazônico. Tais narrativas não se limitam ao encantamento, pois operam como dispositivos simbólicos de proteção, de afirmação identitária e de pertencimento coletivo. Em permanente interação com a natureza, o homem amazônico elabora uma realidade híbrida, na qual o espaço material e o imaginário se articulam, conformando um universo marcado pela indissociabilidade entre o real e o simbólico.

GONÇALVES, João Paulo Marcelino, COSTA, Eliane Miranda. Imaginário amazônico e representações mítico-lendárias no conto “Puçanga”, de Peregrino Júnior: diálogos com o Marajó das florestas In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

Nesse viés, o imaginário amazônico foi profundamente influenciado por processos históricos que contribuíram de modo significativo para a constituição de um imaginário local, entre os quais se destacam a Cabanagem e o episódio do garimpo de Serra Pelada. O primeiro, marcado pela luta popular e pelo desejo de acesso ao poder político, e o segundo, associado à busca pela riqueza rápida, passaram a integrar o repertório simbólico da região, alimentando narrativas, expectativas e representações coletivas. A esse respeito, Loureiro (1994) afirma que

A cultura amazônica é, portanto, uma produção humana que vem incorporando na sua subjetividade, no inconsciente coletivo e dentro das peculiaridades próprias da região, motivações simbólicas que resultam em criações que estreitam, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si e com a natureza (Loureiro, 1994, p.76).

É nesse horizonte que se insere a obra de Peregrino Júnior, cujo conto *Puçanga* mobiliza elementos mítico-lendários para representar a cultura amazônica e suas formas simbólicas de interpretação do mundo. Daí a relevância em analisar as representações mítico-lendárias presentes nesse conto, buscando compreender o modo que o imaginário amazônico se configura literariamente e contribui para a construção de uma identidade cultural que, embora regional, alcança dimensões universais.

No contexto da cultura amazônica, o povo paraense mantém uma relação intensa com o universo simbólico da região, estruturando um conjunto de crenças, costumes e práticas que conferem singularidade, profundidade e mistério à sua experiência cultural. Essa relação, profundamente marcada pela interação entre homem e natureza, repercute de modo significativo na literatura brasileira, sobretudo em obras que elegem o espaço amazônico como cenário e elemento estruturante da narrativa, em especial aquelas de viés naturalista e regionalista.

Nesse entrelaçamento simbólico, a natureza não se apresenta como mero pano de fundo, mas como força ativa que influencia a sensibilidade humana. Luzes, sons, ventos e mistérios constituem elementos que atravessam a percepção do sujeito amazônico, possibilitando uma leitura do mundo mediada pelo mito, pela arte e pela visualidade. Tal dinâmica resulta na construção de uma simbologia própria, na qual o imaginário se articula à experiência cotidiana.

A cultura amazônica afirma-se, desse modo, como um fenômeno coletivo e socialmente legitimado, na medida em que suas narrativas de matriz mítica são reconhecidas e compartilhadas

como formas válidas de interpretação da realidade. Como assinala Loureiro (1994, p. 85), tais manifestações traduzem uma “permanente tentativa de investigar e compreender o homem, o amor, a vida, a morte, o trabalho e a natureza”, evidenciando a presença contínua das crenças e do imaginário místico no âmbito da cultura popular. A interação entre homem, natureza e sagrado, longe de configurar um elemento meramente exótico, constitui-se como componente fundamental da experiência cultural amazônica.

Nesse sentido, diversos escritores abordaram esse universo simbólico com destaque, entre eles Inglês de Sousa, cujas narrativas naturalistas incorporam o imaginário local ao representar personagens que transitam entre o humano e o animalizado, evidenciando a permeabilidade entre real e fantástico. Como exemplifica o autor ao narrar a crença na metamorfose humana, “pessoas respeitáveis afirmaram-me ter visto a tapuia transformada em pata” (Sousa, 2006, p. 40), recurso que reforça a presença do mito como elemento constitutivo da narrativa amazônica.

No campo literário, Furtado e Nascimento (2003) apontam que a incorporação estética do imaginário popular em autores amazônicos não apenas registra práticas culturais, mas transforma o mito em matéria literária, conferindo-lhe novas possibilidades de interpretação. Esses aportes teóricos contribuem para compreender que a literatura de expressão amazônica, ao reelaborar os mitos e as crenças regionais, não reproduz simplesmente o folclore, mas constrói representações simbólicas que traduzem modos próprios de perceber e explicar o mundo.

Galvão (1976), ao investigar a vida religiosa de comunidades do Baixo Amazonas, demonstra que santos, visagens e entidades da floresta constituem sistemas explicativos legítimos para a compreensão de enfermidades, acontecimentos cotidianos e relações sociais. De modo semelhante, Simões e Golder (1995) destacam que as narrativas orais amazônicas preservam a memória coletiva e reforçam vínculos identitários, funcionando como formas de transmissão cultural entre gerações.

Em *Puçanga* (1929), o autor constrói narrativas fortemente ancoradas no imaginário mítico-lendário, mobilizando práticas mágicas, crenças populares e registros da oralidade regional. Além disso, a preocupação do autor com o registro linguístico manifesta-se na inclusão de glossários que preservam o léxico e os falares da região, como se verifica no próximo tópico.

O conto “*Puçanga*”, de Peregrino Júnior, insere-se na tradição da literatura de expressão amazônica ao articular elementos da cultura popular, do universo mítico-lendário e da crítica social, compondo uma narrativa que transita entre o real e o imaginário. A história acompanha a associação entre o pajé Coronel José Caruana, detentor de uma “garrafada indígena”, e o médico Dr. Dória, representante da racionalidade científica urbana. A partir dessa relação, o autor constrói uma alegoria sobre a exploração da fé popular, o choque entre saberes tradicionais e ciência institucional, e a força simbólica das crenças amazônicas.

Mais do que simples sátira social, o conto mobiliza elementos próprios do imaginário amazônico, pajelança, puçanga, encantamentos, doenças atribuídas a espíritos da floresta que dialogam diretamente com o universo cultural do Marajó das florestas, onde práticas de cura tradicionais, crenças em seres encantados e remédios de origem vegetal permanecem como referências vivas na experiência ribeirinha.

A *puçanga*, entendida no contexto cultural amazônico como feitiço, remédio ou prática mágico-religiosa, assume no conto um papel central, funcionando como mediadora entre o humano, o natural e o sobrenatural. Não se trata apenas de um elemento folclórico, mas de um sistema simbólico que expressa uma visão de mundo própria, na qual a doença, o sofrimento e o destino humano são explicados a partir de forças invisíveis que atuam sobre a vida cotidiana. Nesse sentido, o mito aparece como linguagem cultural, capaz de organizar a experiência coletiva e dar sentido ao inexplicável.

Sob a perspectiva estética, “*Puçanga*” dialoga com o modernismo ao valorizar temas regionais e linguagens marginalizadas pela tradição literária canônica. Peregrino Júnior afasta-se de uma representação exotizante da Amazônia e constrói uma narrativa que emerge do interior da cultura local, criando espaço de fala e escuta para personagens ribeirinhas e aos seus sistemas simbólicos. Assim, o mito não aparece como superstição a ser negada, mas como forma legítima de conhecimento e expressão cultural.

A presença do mágico no conto, não anula a dimensão humana das personagens; ao contrário, revela suas angústias, medos e tentativas de controlar o destino. A *puçanga* simboliza, portanto, a busca por equilíbrio diante das incertezas da vida, funcionando como instrumento de resistência

GONÇALVES, João Paulo Marcelino, COSTA, Eliane Miranda. Imaginário amazônico e representações mítico-lendárias no conto “*Puçanga*”, de Peregrino Júnior: diálogos com o Marajó das florestas In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

cultural frente às imposições de uma racionalidade externa. Essa dimensão simbólica reforça o caráter identitário da narrativa, que inscreve o imaginário amazônico no campo da literatura brasileira.

Desse modo, ao transfigurar esteticamente práticas e crenças populares, Peregrino Júnior constrói, em “*Puçanga*”, uma narrativa que articula mito, oralidade e modernidade literária. O conto evidencia como o imaginário mítico-lendário amazônico não apenas sobrevive no texto literário, mas se reinventa, afirmando-se como elemento constitutivo da identidade cultural da região e como contribuição significativa para o modernismo brasileiro.

3.1 A *Puçanga* como herança mítica e saber tradicional

Desde o início, a *puçanga* é apresentada como produto de um saber indígena ancestral. Como observamos nesse trecho da obra, “Garrafada indígena do Coronel José Caruana. Remédio garantido e barato. Cura sem dor todas as moléstias [...]”. A palavra “indígena” não é mero adjetivo comercial, ela confere legitimidade simbólica, associando o remédio a um conhecimento originário, herdado da floresta.

O próprio Coronel afirma que a fórmula vem “dos índios do Alto Purus” e que viveu “oito anos” entre eles. Esse dado constrói a imagem do pajé como mediador entre o mundo indígena e o urbano, papel recorrente nas narrativas amazônicas. A *puçanga*, portanto, não é apenas um medicamento, mas um símbolo do saber tradicional da floresta, transmitido oralmente e legitimado pela experiência comunitária, traço que dialoga com o Marajó das florestas, onde práticas de pajelança e garrafadas ainda estruturam formas locais de cuidado, como revela Galvão em Santos e Visagem.

3.2 O embate entre ciência e pajelança

A chegada do Dr. Dória instaura o conflito central: o encontro entre o conhecimento científico urbano e o saber mítico da floresta. O médico, frustrado em sua carreira, vê na *puçanga* uma oportunidade de enriquecimento, bem como percebemos neste trecho da obra: “Aí está um bom negócio!” Sua motivação não é a cura, mas o lucro.

Esse contraste constrói uma crítica simbólica: enquanto o pajé representa o conhecimento enraizado na tradição amazônica, o médico encarna a modernidade mercantil que transforma tudo em

mercadoria. O saber mítico é apropriado, embalado e vendido como “elixir indígena”, numa linguagem pseudocientífica, como enfatiza o autor na obra: “vamos botar ‘elixir’, fica mais bonito. E é uma expressão mais científica”

A mudança do nome revela a tentativa de domesticar o saber tradicional dentro da lógica urbana, apagando sua origem cultural para adequá-lo ao mercado. Esse processo reflete historicamente o modo como conhecimentos indígenas e caboclos foram apropriados sem reconhecimento, inclusive no espaço amazônico marajoara.

3.3 A fé popular e o poder da crença

O conto evidencia que a eficácia da *puçanga* não está vinculada à sua composição material, mas à força da crença que a sustenta no imaginário coletivo. Tal perspectiva pode ser observada na passagem em que o soldado procura o pajé em busca de auxílio amoroso:

Seu Curuné, me disseram qui o senhor cura os males do coração. Eu queria um remédio [...] vou lhe contar o causo, Curuné. Eu era noivo da Edméia. Tinha mesmo uma ruxura braba pela pirralha. Mas, porém, a mulher não escutava os meus conselhos [...]. Pode ir. Isso lhe dará forças. E a curiboca não resiste. Fale com ela que você vai só ver. Nessa puçanga, tem infusão de muiraquitã. É tiro e queda.

Ao atribuir à bebida a presença da “infusão de muiraquitã” e afirmar que seu efeito é “tiro e queda”, o personagem revela a confiança irrestrita no poder simbólico do remédio, reforçando a centralidade da fé e da tradição oral como fundamentos da eficácia da *puçanga*. A crença, nesse contexto, opera como elemento estruturante da experiência social, confirmando o papel do mito como forma legítima de interpretação da realidade no universo amazônico.

O muiraquitã, amuleto lendário amazônico associado a proteção e amor, reforça a dimensão mítica do remédio. Sua presença conecta o conto às lendas regionais que circulam na Amazônia continental, onde objetos encantados e pedras verdes são elementos recorrentes no imaginário.

A fé do soldado gera o efeito esperado: ele sai confiante, sentindo-se curado antes mesmo de qualquer resultado. Peregrino Júnior sugere, assim, que o poder da *puçanga* está na força simbólica do mito, não em sua química. O imaginário amazônico, portanto, estrutura a experiência real.

3.4 Doença espiritual e explicações míticas

Um dos momentos mais expressivos do conto ocorre quando os caboclos trazem a jovem acometida por um mal atribuído à ação de uma entidade da floresta, como se lê na passagem: “Ela foi pegada pelo uacauã”. O uacauã, ave amazônica cujo canto é tradicionalmente associado a presságios, GONÇALVES, João Paulo Marcelino, COSTA, Eliane Miranda. Imaginário amazônico e representações mítico-lendárias no conto “Puçanga”, de Peregrino Júnior: diálogos com o Marajó das florestas In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

manifesta-se na narrativa como força encantada que “apossa-se do espírito” das mulheres, obrigando a reproduzir seu canto.

Essa explicação sobrenatural da doença representa claramente o universo mítico-lendário amazônico, em que males físicos e espirituais são compreendidos como resultado da ação de seres da natureza encantada. Esse tipo de crença permanece vivo no Marajó das florestas, onde narrativas de seres que “pegam” pessoas como “o boto”, e que fazem parte da cosmologia popular.

O Dr. Dória, contudo, diagnostica racionalmente: “uma menina histérica”. O choque entre interpretação mítica e científica se intensifica. No entanto, é justamente a simulação de um ritual (a água suja com Odol, apresentada como elixir) que cura a jovem, reforçando o poder performativo do ritual e da crença.

3.5 A crítica social e a exploração do sagrado

O sucesso do elixir atrai uma multidão de doentes: Como se lê na passagem do conto: “leprosos, tísicos, opilados, papudos, herniados” formando uma “procissão macabra das misérias humanas”. Essa imagem forte associa a fé na *puçanga* à vulnerabilidade social, denunciando como a esperança pode ser explorada economicamente.

A crítica, contudo, não anula o valor cultural da pajelança. O autor não ridiculariza o saber tradicional em si, mas denuncia sua apropriação pelo discurso científico e mercantil. O pajé, inicialmente guardião do conhecimento indígena, termina envolvido na lógica urbana, até o desfecho trágico que culmina no envenenamento do Dr. Dória por essência de açacu, árvore amazônica tóxica, novamente evocando a força ambígua da floresta.

3.6 A fórmula e o segredo da floresta

O momento em que o Coronel revela a fórmula ao médico possui dimensão ritualística: “aplicando-lhe a boca na concha ávida do ouvido, o Coronel Caruana derramou-lhe dentro da cabeça, em poucas palavras, o segredo que trouxera do Alto Purus”

A transmissão oral do segredo reforça a tradição dos saberes amazônicos, passados de mestre a aprendiz, como ocorre nas pajelanças marajoaras. A fórmula final, leite de açacuzeiro, tiquira e infusão de muiraquitã, mistura elementos vegetais e simbólicos, ligando botânica, ritual e mito.

O fato de os americanos recusarem a fórmula, anotando “Nothing doing”, ironiza a incompreensão do conhecimento tradicional pela ciência estrangeira, reafirmando a singularidade cultural amazônica.

3.7 Diálogo com o Marajó das florestas

Embora o conto se passe em Belém e no Alto Purus, sua estrutura simbólica dialoga diretamente com o Marajó das florestas. A presença do ribeirão, das garrafadas, da crença em doenças espirituais, dos encantamentos da natureza e da oralidade como forma de transmissão do saber compõem o mesmo universo cultural que marca a vida ribeirinha marajoara.

Assim, “Puçanga” não apenas representa o imaginário amazônico amplo, mas também ilumina práticas vivas da amazônia marajoara, onde a relação entre homem, floresta e espiritualidade constrói uma realidade híbrida, na qual o mítico e o cotidiano se entrelaçam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “*Puçanga*” constrói uma narrativa em que o mito não é mero adorno folclórico, mas estrutura fundamental da experiência amazônica. A *puçanga* simboliza o saber tradicional, o uacauá expressa a presença do encantado, o muiraquitã condensa a força protetora do mito, o açacu materializa o poder ambivalente da floresta. Peregrino Júnior, ao articular esses elementos, produz uma crítica social à exploração da fé, mas simultaneamente reconhece a legitimidade cultural das crenças amazônicas. O resultado é uma obra que preserva o imaginário mítico-lendário como componente da identidade regional.

Dessa forma, a análise do conto confirma a relevância de Peregrino Júnior para a literatura de expressão amazônica, evidenciando como mito, oralidade e relação homem-natureza estruturam a cultura da Amazônia e do Marajó das florestas. O conto reafirma que, nesse universo, a fronteira entre real e imaginário é tênue, e que compreender a literatura amazônica é também compreender os modos próprios de existir e interpretar o mundo na região.

Peregrino Júnior nesse conto, presenteia a todos com uma importante leitura e representação do imaginário mítico-lendário como elemento estruturante da cultura amazônica. Ao incorporar práticas mágico-religiosas, crenças populares e marcas da oralidade, este autor constrói uma representação literária que articula mito e realidade, reafirmando formas próprias de compreensão do mundo presentes no universo ribeirão.

Observa-se que a *puçanga*, enquanto prática simbólica, ultrapassa o caráter meramente folclórico, configurando-se como um sistema de significação que organiza a experiência humana diante da doença, do medo e do destino. Nesse sentido, o mito não é apresentado como superstição a ser negada, mas como linguagem cultural legítima, capaz de expressar valores, conflitos e saberes coletivos, em estreita relação com a natureza e com o sagrado.

A presença da oralidade no conto reforça o caráter coletivo da narrativa e evidencia o processo de transfiguração estética das matrizes culturais amazônicas no texto literário. Peregrino Júnior, ao incorporar essas vozes e registros linguísticos, afasta-se de representações exotizantes da Amazônia e insere o imaginário regional no campo da literatura moderna, dialogando com os pressupostos do modernismo brasileiro, especialmente no que se refere à valorização das culturas locais e à renovação temática e linguística.

Desse modo, o conto “*Puçanga*” reafirma a relevância da obra de Peregrino Júnior para a compreensão da literatura de expressão amazônica, ao evidenciar como o mito, a oralidade e a relação entre homem e natureza se configuram como elementos estruturantes da identidade cultural da região. Ao dialogar com o universo simbólico do Marajó das florestas, a narrativa amplia a compreensão das múltiplas formas pelas quais o imaginário amazônico se manifesta nos territórios ribeirinhos e florestais. Assim, o presente estudo contribui para o alargamento do debate crítico em torno da produção de Peregrino Júnior, ainda pouco explorada, e reforça a necessidade de novas investigações que aprofundem o lugar da literatura amazônica, em suas especificidades regionais, no panorama mais amplo da literatura brasileira.

5 REFERÊNCIAS

- COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos Novos: memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: UFPA, 2005.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Matrizes impressas da oralidade. In: BERND, Zilá; MIGOZZI, Jacques (Orgs.). *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- FURTADO, Marlí Tereza & NASCIMENTO, Maria de Fátima. *Dalcídio Jurandir e Benedito Monteiro: A incorporação Estética do Imaginário Popular*. In: Revista Moara. n. 20. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2003.
- GONÇALVES, João Paulo Marcelino, COSTA, Eliane Miranda. Imaginário amazônico e representações mítico-lendárias no conto “*Puçanga*”, de Peregrino Júnior: diálogos com o Marajó das florestas In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. 2. ed. São Paulo: Brasília: Editora Nacional, 1976. V. 284.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica — uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras editoras, 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica. Uma poética do imaginário*. Edição Cejup. Belém, 1994.

SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. Ed. Marin Claret. São Paulo, 2006

SIMÕES, Maria do Socorro. *Metamorfose: a relevância do tema em narrativas orais da Amazônia paraense*. In: Revista Moara. n. 10. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras. Belém, 1998.

SIMÕES, Maria do Socorro & GOLDER, Christophe (org.). *Abaetetuba Conta*. Belém: Cejup, 1995.

SIMÕES, Maria do Socorro & GOLDER, Christophe (org.). *Santarém Conta*. Belém: Cejup/UFPA, 1995.

GONÇALVES, João Paulo Marcelino, COSTA, Eliane Miranda. Imaginário amazônico e representações mítico-lendárias no conto “Puçanga”, de Peregrino Júnior: diálogos com o Marajó das florestas In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069